

ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS DIFERENTES

METODOLOGIAS DE ENSINO

DOI: 10.5281/zenodo.15778555

Josefa Valdeci dos Santos Dantas

Licenciada em Pedagogia – UVA; Mestra em Ciências da Educação – World University Ecumenical Email: josefandantas@gmail.com

Maria Suely Farias Cunha

Especialista em Magistério do Ensino Superior - PUC; Mestre em Ciências da Educação - Wisdom Of Christ Email: suely.farias@yahoo.com.br

Alanne de Oliveira Garcia Gouveia

Professora Prestadora de Serviços do Polo Cilo Andrade - Taperoá PB; Especialista em Psicomotricidade e Ludicidade e Educação Física Escolar e TGD/TEA - FAAL E-mail: alane.garcia@hotmail.com

RESUMO: Na educação infantil brasileira, o ensino e a aprendizagem são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. Segundo renomados estudiosos da área, como Vygotsky, Piaget e Wallon, compreende-se que o ambiente e as interações sociais desempenham papéis cruciais no processo de aprendizagem, moldando as bases cognitivas, emocionais e sociais das crianças. Na prática pedagógica, propostas como a Pedagogia de Projetos, defendida por Malaguzzi, e a Abordagem Centrada na Criança, de Freinet, enfatizam a participação ativa dos alunos e a valorização de suas experiências como elementos essenciais para a construção do conhecimento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes para o ensino infantil, destacando a importância do brincar, da ludicidade e do desenvolvimento sócio emocional na formação das crianças. Nesse contexto, os educadores desempenham um papel crucial como mediadores do conhecimento, adaptando suas práticas às necessidades e características individuais de cada criança, promovendo assim uma educação de qualidade na primeira etapa da escolarização e preparando-as para os desafios futuros.

Palavras-chave: ensino e aprendizagem; educação infantil; metodologias de ensino.

ABSTRACT: In Brazilian early childhood education, teaching and learning are fundamental for the integral development of children. According to renowned scholars in the field, such as Vygotsky, Piaget, and Wallon, it is understood that the environment and social interactions play crucial roles in the learning process, shaping the cognitive, emotional, and social foundations of children. In pedagogical practice, approaches like Project Pedagogy, advocated by Malaguzzi, and the Child-Centered Approach, by Freinet, emphasize active student participation and the appreciation of their experiences as essential elements for knowledge construction. The National Common Curricular Base (BNCC) establishes guidelines for early childhood education, emphasizing the importance of play, playful activities, and socio-emotional development in children's formation. In this context, educators play a crucial role as knowledge mediators, adapting their practices to the individual needs and characteristics of each child, thus promoting quality education in the early stages of schooling and preparing them for future challenges.

Keywords: teachings and learnings; child education; teaching methodologies.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nosso propósito é adentrar no cenário das metodologias de ensino e aprendizagem na educação infantil, explorando uma ampla gama de perspectivas e teorias

apresentadas tanto por autores do passado quanto contemporâneos. Nosso objetivo é não apenas examinar essas abordagens de forma isolada, mas também traçar comparações entre elas, vislumbrando as implicações práticas e as possibilidades educacionais que cada uma oferece.

O desenvolvimento integral das crianças na educação infantil é um tema de extrema relevância e interesse tanto para educadores quanto para pesquisadores. Nesse estágio crucial da formação, o ensino e a aprendizagem desempenham papéis fundamentais na construção dos alicerces cognitivos, emocionais e sociais dos pequenos. A partir das teorias de renomados estudiosos como Vygotsky, Piaget e Wallon, compreendemos a importância do ambiente e das interações sociais no processo de aprendizagem, ressaltando a influência significativa desses elementos no desenvolvimento infantil.

A prática pedagógica na educação infantil é marcada por diversas abordagens que visam estimular o potencial das crianças de forma holística. Propostas como a Pedagogia de Projetos, defendida por Malaguzzi, e a Abordagem Centrada na Criança, de Freinet, destacam a participação ativa dos alunos e a valorização de suas experiências como elementos essenciais para a construção do conhecimento. Essas abordagens reconhecem a criança como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, promovendo um ambiente educativo dinâmico e participativo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes claras para o ensino infantil, enfatizando a importância do brincar, da ludicidade e do desenvolvimento socioemocional na formação das crianças. Essa orientação reconhece a necessidade de uma abordagem pedagógica que integre aspectos cognitivos, afetivos e sociais, garantindo uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida.

Os educadores desempenham um papel crucial como mediadores do conhecimento nesse contexto, adaptando suas práticas às necessidades individuais de cada criança e promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor. Ao reconhecerem a diversidade e singularidade de cada aluno, os educadores podem criar oportunidades de aprendizagem significativas que estimulem o desenvolvimento integral e preparem as crianças para os desafios futuros.

1. O ensino e aprendizagem na perspectiva de Piaget e Vygotsky

Na perspectiva de Jean Piaget, o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil é compreendido através da teoria construtivista, onde a criança é vista como um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento. Piaget argumenta que as crianças passam por estágios de desenvolvimento cognitivo, nos quais constroem esquemas mentais e assimilam novas informações através da interação com o meio ambiente. Nesse sentido, o papel do educador é de facilitador, proporcionando experiências que desafiem e estimulem a criança a explorar, experimentar e refletir sobre o mundo ao seu redor.

Por outro lado, Lev Vygotsky propõe uma abordagem sociointeracionista, enfatizando a importância das interações sociais e da linguagem no desenvolvimento cognitivo. Segundo Vygotsky, a aprendizagem ocorre primeiramente a nível social, através da interação com adultos e pares mais experientes, e posteriormente internaliza-se no indivíduo, tornando-se parte do seu desenvolvimento. Para ele, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é crucial no ensino, representando a distância entre o nível de desenvolvimento atual da criança e o potencial que ela pode atingir com a ajuda de um adulto ou colega mais capaz.

Neste sentido, tanto Piaget quanto Vygotsky reconhecem a importância do ambiente social e das experiências concretas na aprendizagem infantil, cada um destacando diferentes aspectos do processo. Ambos os teóricos enfatizam o papel ativo da criança em sua própria aprendizagem, sendo o educador um mediador fundamental no apoio e na orientação do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças.

Segundo Piaget (1977, p. 14):

Cada vez que ensinamos prematuramente a uma criança alguma coisa que poderia ter descoberto por si mesma, esta criança foi impedida de inventar e, conseqüentemente, de entender completamente. o objeto de conhecimento, e os novos esquemas se formam a partir de outros, anteriormente adquiridos.

A citação de Piaget destaca um princípio fundamental da sua teoria construtivista do desenvolvimento cognitivo. Piaget argumenta que as crianças são naturalmente curiosas e têm a capacidade inata de aprender através da exploração e da interação com o ambiente. No entanto, quando os adultos interferem prematuramente no processo de aprendizagem, fornecendo respostas prontas ou instruções excessivas, estão potencialmente privando as

crianças da oportunidade de desenvolverem plenamente suas habilidades de raciocínio, resolução de problemas e compreensão.

Essa ideia ressalta a importância de permitir que as crianças sejam agentes ativos no seu próprio processo de aprendizagem. Ao invés de simplesmente transmitir informações, os educadores devem criar ambientes ricos em experiências e desafios que incentivem a descoberta e a experimentação. Dessa forma, as crianças têm a oportunidade de construir seu conhecimento de forma mais significativa, desenvolvendo esquemas mentais mais complexos e duradouros.

Neste sentido, Piaget (1977) sugere que o processo de aprendizagem é mais do que apenas a aquisição de informações; envolve também a compreensão profunda e a internalização do conhecimento. Quando as crianças têm a oportunidade de descobrir conceitos por si mesmas, estão mais propensas a desenvolver uma compreensão mais sólida e duradoura desses conceitos, já que são capazes de relacioná-los com suas próprias experiências e construir conexões significativas entre eles e outros conhecimentos previamente adquiridos. Portanto, essa citação de Piaget destaca a importância de promover uma abordagem mais hands-on e exploratória no ensino, onde as crianças são incentivadas a serem protagonistas ativos do seu próprio processo de aprendizagem.

Piaget (1972, p. 95-96) explica:

Toda conduta humana é uma assimilação de esquemas anteriores (assimilações a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação desses esquemas à situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre fatores internos e externos ou, mais em geral, entre assimilação e acomodação.

Essa citação está profundamente relacionada com a teoria de Jean Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo e, por extensão, com o processo de ensino e aprendizagem. Piaget argumenta que as crianças constroem seu conhecimento através de um processo de assimilação e acomodação.

A assimilação refere-se à incorporação de novas informações ou experiências ao conjunto de conhecimentos já existentes na mente da criança, ou seja, é o processo pelo qual ela interpreta e integra novas informações com seus esquemas mentais pré-existentes. Por outro lado, a acomodação é a modificação ou ajuste desses esquemas mentais em resposta a novas informações ou experiências que não podem ser facilmente assimiladas. É o processo pelo qual

a criança se adapta ou modifica seus esquemas mentais para melhor se ajustar à realidade percebida.

No contexto do ensino e aprendizagem, isso significa que os educadores precisam criar ambientes de aprendizagem que desafiem os alunos a assimilarem novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que lhes proporcionem oportunidades para acomodar esses conhecimentos à sua compreensão existente. Isso pode ser feito através de atividades que incentivem a exploração, a experimentação e a resolução de problemas, permitindo que os alunos construam ativamente seu próprio entendimento do mundo ao seu redor.

Portanto, a teoria de Piaget destaca a importância de encontrar um equilíbrio entre assimilação e acomodação no processo de ensino e aprendizagem, reconhecendo a necessidade de desafiar os alunos com novas informações, ao mesmo tempo em que lhes proporciona apoio e oportunidades para integrar essas informações de maneira significativa em seu conhecimento prévio.

A teoria sobre assimilação e acomodação também pode ser relacionada com a teoria sociocultural de Lev Vygotsky, especialmente através do conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Vygotsky enfatiza a importância das interações sociais e do papel dos adultos ou colegas mais capazes no processo de aprendizagem. Na ZDP, a criança é capaz de realizar tarefas com a assistência de um guia mais experiente que fornece suporte e orientação. Nesse sentido, a assimilação ocorre quando a criança internaliza as informações e estratégias compartilhadas durante a interação, enquanto a acomodação se manifesta quando ela ajusta seus esquemas mentais para se adequar às demandas da tarefa. Portanto, na teoria de Vygotsky, o equilíbrio entre assimilação e acomodação é promovido através da interação social e da mediação do adulto, possibilitando à criança desenvolver habilidades cognitivas mais avançadas com o suporte necessário.

Vygotsky (1975, p. 197) afirma:

A experiência instintiva primária da criança, bem como os primeiros hábitos da infância, a chamada conduta infantil, transcorrem, principalmente sob a ação do princípio do prazer. A preocupação pela adaptação ao meio recai sobre os adultos. Eles fazem com que a criança estabeleça suas primeiras inter-relações com o meio. Isso é o que marca o comportamento infantil do período da primeira infância. Ele se forma primeiramente a partir das reações congênitas incondicionadas e, depois, a partir dos reflexos condicionados de primeiro grau, afins a elas.

O texto aborda os estágios iniciais do desenvolvimento infantil, enfatizando a predominância do princípio do prazer nesse período. Durante a primeira infância, a criança é guiada principalmente pela busca de prazer e pela satisfação de suas necessidades básicas, o que influencia sua conduta instintiva primária e a formação dos primeiros hábitos. Essa fase é caracterizada por uma dependência significativa dos adultos, que desempenham um papel fundamental na mediação das interações da criança com o ambiente ao seu redor.

Os adultos têm a responsabilidade de facilitar a adaptação da criança ao meio, introduzindo-a gradualmente nas inter-relações com o ambiente. Esse processo envolve a criação de condições adequadas para que a criança desenvolva suas habilidades e competências, ao mesmo tempo em que satisfaz suas necessidades básicas de forma segura e confortável. Assim, a conduta infantil durante esse período é moldada não apenas pelos impulsos naturais, mas também pelas interações e orientações fornecidas pelos adultos.

Inicialmente, o comportamento infantil é influenciado por reações incondicionadas congênitas, que são respostas automáticas a estímulos do ambiente. Com o tempo, essas reações evoluem para reflexos condicionados de primeiro grau, que são mais complexos e adaptativos, estando intimamente relacionados às experiências e interações da criança com o meio. Essa progressão ilustra a importância das experiências precoces na formação do comportamento infantil durante a primeira infância, enquanto os adultos desempenham um papel crucial na mediação desse processo de desenvolvimento.

Vygotsky (1975, p. 201) finaliza ao dizer que:

Entretanto, isso não significa que a pedagogia moderna encare com descuido as formas nacionais de desenvolvimento. O que sucede é que as formas nacionais representam um inegável e grandioso fato histórico. Por isso, subentende-se que elas integram nosso trabalho escolar como condição psicológica inevitável. Tudo o que a criança assimila vai-se adaptando às formas peculiares de comportamento, linguagem, costumes, hábitos e gostos que ela percebe.

O trecho destaca a importância da consideração das formas nacionais de desenvolvimento na pedagogia moderna, ressaltando que, embora não sejam negligenciadas, essas formas representam um fato histórico inegável e significativo. Isso implica que as particularidades culturais, sociais e históricas de um país desempenham um papel crucial na educação e no desenvolvimento das crianças. As formas nacionais de desenvolvimento incluem

aspectos como comportamento, linguagem, costumes, hábitos e gostos que são próprios de uma determinada sociedade ou cultura.

É sugerido que essas formas nacionais são inevitavelmente integradas ao trabalho escolar e ao processo de aprendizagem das crianças. Isso significa que a educação não pode ignorar a influência da cultura e da sociedade no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Assim, é essencial que os educadores reconheçam e valorizem as formas nacionais de desenvolvimento, incorporando-as de maneira adequada ao ambiente escolar e ao currículo, para garantir uma educação que seja culturalmente relevante e sensível às necessidades e experiências das crianças.

Portanto, tanto Vygotsky quanto Piaget demonstram a importância de uma abordagem educacional que leve em consideração as características e particularidades da cultura e da sociedade em que as crianças estão inseridas, reconhecendo que esses aspectos desempenham um papel fundamental na formação de sua identidade e no processo de aprendizagem.

2. O contraste entre as teorias de ensino-aprendizagem e a prática na sala de aula

Ao longo do tempo, diversas teorias de ensino-aprendizagem têm sido propostas, abordando diferentes aspectos do processo educacional. No entanto, a aplicação dessas teorias na prática da sala de aula muitas vezes enfrenta desafios e contrastes. Por exemplo, as teorias de Piaget e Vygotsky enfatizam a importância da interação social e do desenvolvimento cognitivo na aprendizagem das crianças. No entanto, na prática, nem sempre é fácil promover interações significativas e estimulantes entre os alunos, devido às limitações de tempo, recursos ou até mesmo resistência à mudança por parte dos educadores.

Além disso, as teorias sobre a importância das formas nacionais de desenvolvimento destacam a relevância da cultura e da sociedade na educação. No entanto, na prática da sala de aula, pode haver um descompasso entre o currículo adotado e as experiências culturais e sociais dos alunos. Isso pode resultar em uma falta de conexão entre os conteúdos ensinados e a realidade vivida pelos estudantes, afetando sua motivação e engajamento.

Outro contraste surge quando consideramos a abordagem centrada no aluno e a realidade da sala de aula, onde muitas vezes há uma pressão para cobrir extensos conteúdos programáticos e preparar os alunos para exames padronizados. Isso pode levar a uma ênfase excessiva na transmissão de informações em detrimento do desenvolvimento de habilidades

cognitivas mais profundas, como a resolução de problemas e o pensamento crítico, conforme proposto por teorias como a de Dewey.

Portanto, o contraste entre as teorias de ensino-aprendizagem e a prática na sala de aula destaca a necessidade de uma abordagem mais integrada e flexível na educação, que leve em consideração as complexidades do ambiente educacional e promova uma aprendizagem significativa e contextualizada para todos os alunos.

Dewey (2011, p. 96) diz:

A experiência contém em si princípios de conexão e de organização [...] mesmo nos níveis ínfimos de vida, torna-se indispensável algum grau de organização. A própria ameba necessita alguma continuidade em sua atividade, e alguma adaptação ao meio ambiente. Sua vida e experiência não podem consistir em sensações atomizadas momentâneas, auto enclausuradas. Sua atividade está em referência com o ambiente e com o que já aconteceu ou está para acontecer. Esta organização, intrínseca à vida, torna desnecessária uma síntese sobrenatural e sobre-empírica, ao mesmo tempo em que ministra a base e o material para o desenvolvimento da inteligência como fator organizador da experiência.

Neste trecho, John Dewey destaca a importância da organização e da conexão na experiência humana, desde os níveis mais básicos de vida até os mais complexos. Ele argumenta que mesmo organismos simples, como a ameba, demonstram algum grau de organização em sua atividade, adaptando-se ao ambiente e buscando continuidade em suas ações. Isso refuta a ideia de que a experiência consiste apenas em sensações isoladas e momentâneas, sugerindo que mesmo os seres mais simples estão intrinsecamente ligados ao ambiente e ao que aconteceu anteriormente ou está por vir.

Dewey ressalta que essa organização presente na experiência torna desnecessária a busca por sínteses sobrenaturais ou sobre-empíricas para explicar o mundo ao nosso redor. Em vez disso, ele defende que a inteligência humana é um fator organizador natural, que se desenvolve a partir dessa base de experiências organizadas e conectadas. Portanto, a capacidade de organização inerente à vida fornece o material essencial para o desenvolvimento da inteligência, permitindo que os seres humanos compreendam e ajam no mundo de maneira significativa e adaptativa.

Ausubel (1978) mostra que tanto a aprendizagem por recepção como por descoberta pode desenvolver-se de modo significativo ou repetitivo (mecânico). Para ser significativo, o conteúdo deve relacionar-se a conhecimentos prévios do aluno, exigindo deste uma atitude

favorável capaz de atribuir significado próprio aos conteúdos que assimila, e do professor, uma tarefa mobilizadora para que tal aprendizagem ocorra 10. Por outro lado, é repetitiva quando o aluno não consegue estabelecer relações do conteúdo novo com anteriores porque carece dos conhecimentos necessários para que tais conteúdos se tornem significativos ou não está mobilizado para uma aprendizagem ativa.

Nessa citação de Ausubel (1978), destaca-se a distinção entre dois tipos de aprendizagem: a aprendizagem por recepção e a aprendizagem por descoberta. Ausubel argumenta que ambas podem ocorrer de maneira significativa ou repetitiva (mecânica), dependendo de certos fatores. Para que a aprendizagem seja significativa, o conteúdo a ser aprendido deve estar relacionado aos conhecimentos prévios do aluno. Isso requer uma atitude favorável por parte do aluno, que deve ser capaz de atribuir significado próprio aos conteúdos que está assimilando. Além disso, o papel do professor é crucial, sendo necessário que ele crie um ambiente propício e mobilizador para que essa aprendizagem significativa ocorra.

Por outro lado, a aprendizagem pode se tornar repetitiva quando o aluno não consegue estabelecer conexões entre o conteúdo novo e seus conhecimentos prévios. Isso pode acontecer se o aluno carecer dos conhecimentos necessários para que os novos conteúdos se tornem significativos ou se não estiver motivado para uma aprendizagem ativa. Nesse caso, a aprendizagem se torna mecânica, baseada na repetição e na memorização sem compreensão profunda.

Portanto, Ausubel destaca a importância da relação entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios dos alunos para uma aprendizagem significativa, bem como a necessidade de um ambiente educacional estimulante e mobilizador. Essa abordagem enfatiza a importância do papel do professor na criação de condições propícias para uma aprendizagem ativa e significativa por parte dos alunos.

As diferenças entre teoria e prática tornam-se evidentes ao considerar a complexidade do processo de aprendizagem. Enquanto as teorias pedagógicas, como a de Ausubel, destacam a importância da relação entre os conhecimentos prévios dos alunos e os novos conteúdos para uma aprendizagem significativa, a aplicação dessas teorias na prática educacional pode enfrentar desafios. Na realidade da sala de aula, os educadores lidam com uma variedade de fatores que podem influenciar o processo de aprendizagem, incluindo diferentes estilos de aprendizagem dos alunos, recursos limitados e pressões externas, como currículos padronizados e testes de avaliação. Portanto, encontrar o equilíbrio entre teoria e prática requer uma

abordagem flexível e adaptável, onde os educadores são capazes de aplicar princípios teóricos de forma eficaz, levando em consideração as nuances e particularidades do contexto educacional em que atuam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das discussões realizadas aqui, exploramos diversos aspectos fundamentais do processo de ensino e aprendizagem na educação. Desde a compreensão das teorias de importantes pensadores, como Piaget, Vygotsky e Ausubel, até a análise das práticas pedagógicas e suas relações com a teoria, foi possível destacar a complexidade e a importância desse campo de estudo. Ficou claro que a aprendizagem é um processo dinâmico e multifacetado, no qual fatores individuais, sociais e culturais desempenham papéis significativos. A necessidade de uma abordagem integrada entre teoria e prática foi ressaltada, enfatizando a importância de os educadores compreenderem e aplicarem os princípios teóricos de forma adaptativa e sensível ao contexto em que atuam. Além disso, reconhecemos a importância de promover uma aprendizagem significativa, que esteja enraizada na compreensão profunda dos conteúdos e que estimule o desenvolvimento integral dos alunos. Portanto, concluímos que a educação é uma jornada contínua de reflexão, adaptação e aprimoramento, na qual educadores e alunos colaboram para construir um ambiente de aprendizagem enriquecedor e transformador.

Neste sentido, é fundamental reconhecer que a educação não se limita apenas às paredes da sala de aula, mas se estende para além delas, envolvendo toda a comunidade escolar e a sociedade em geral. Nesse sentido, a colaboração entre pais, professores, gestores e demais membros da comunidade é essencial para garantir um ambiente educacional inclusivo, diversificado e estimulante. A promoção de uma cultura escolar que valorize a criatividade, a autonomia e a diversidade de habilidades e conhecimentos dos alunos é um passo importante rumo a uma educação mais equitativa e eficaz.

Por fim, diante dos desafios e oportunidades apresentados, é crucial que os profissionais da educação estejam sempre abertos ao aprendizado contínuo e à atualização constante de suas práticas pedagógicas. A reflexão sobre o próprio trabalho, o compartilhamento de experiências e a busca por novas estratégias e abordagens são elementos-chave para o desenvolvimento profissional e para o fortalecimento do processo educacional como um todo. Assim, ao

reconhecemos a importância da teoria, aliada à prática reflexiva e colaborativa, podemos aspirar a uma educação que não apenas transmita conhecimento, mas que também promova o desenvolvimento integral dos indivíduos e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

DEWEY, John. **Reconstruction in philosophy**. New York: Dove Publications, 1948.

_____. **The School and Society**. Chicago: The University of Chicago Press, 1953.

_____. **Experiência e educação**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. **Democracia e Educação**. Trad. G. Rangel e A. Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. **Experiência e Natureza**. Trad. M.O.R.P. Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **A Arte como Experiência**. Trad. M.O.R.P. Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980a

_____. **Reconstrução em filosofia**. São Paulo: Ícone, 2011. _____. **Interest and Effort in Education**. Cambridge - Massachusetts: The Riverside Press Cambridge, 1913.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas. 1991.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação**. 15^a. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

PIAGET, Jean; INHLEDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 8. ed. São Paulo: Difel, 1985.

PIAGET, J. **O Direito à Educação no Mundo Atual**. In: _____. **Para onde vai a educação?** Trad. Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 31-90.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 360p.

PIAGET, J. **A práxis na criança**. In: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PIAGET, J. **O trabalho por equipes na escola: bases psicológicas**. Trad. Luiz G. Fleury. Revista de Educação. São Paulo: Diretoria do Ensino do Estado de São Paulo. vol. XV e XVI, 1936. p. 4-16.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera M. (Org.) Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas**, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: SOARES, Magda. A escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.20-48.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia)

VYGOSTKY, Lev Semenorich. **Thought and language**. Cambridge: The M. I. T. Press, 1977.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.